A lebre-do-mar

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez uma princesa que tinha em seu castelo, bem no alto, sob as ameias, um salão com doze janelas voltadas para todas as direções; quando subia e olhava ao redor, podia avistar seu reino inteiro. Já da primeira enxergava mais longe que as outras pessoas; da segunda, ainda melhor; da terceira, com mais clareza, e assim por diante até a décima segunda, da qual via tudo o que havia acima e abaixo da terra, sem que nada pudesse ficar escondido. Mas, como era orgulhosa, não queria se submeter a ninguém e desejava conservar sozinha o poder, mandou anunciar que ninguém se tornaria seu marido sem conseguir esconder-se dela de tal modo que lhe fosse impossível encontrá-lo. Porém, se alguém tentasse e ela o descobrisse, sua cabeça seria cortada e posta numa estaca. Já havia diante do castelo noventa e sete estacas com cabeças de mortos, e fazia muito tempo que ninguém se apresentava. A princesa estava satisfeita e pensava: "Agora ficarei livre por toda a vida." Então três irmãos apareceram diante dela e anunciaram que queriam tentar a sorte. O mais velho achou que estaria seguro se entrasse numa cova de cal, mas ela o viu já da primeira janela, mandou tirá-lo de lá e cortar-lhe a cabeça. O segundo entrou no porão do castelo, mas também o viu da primeira janela, e foi o fim dele: sua cabeça foi para a nonagésima nona estaca. Então o mais novo se apresentou e pediu que ela lhe desse um dia para pensar e tivesse a bondade de perdoá-lo duas vezes, caso o descobrisse; se fracassasse na terceira, já não daria valor à própria vida. Como era tão bonito e pedia com tanto ardor, ela disse:

— Sim, vou conceder isso, mas você não conseguirá.

No dia seguinte, ele pensou muito em como se esconder, mas em vão. Então pegou a espingarda e saiu para caçar. Viu um corvo e fez pontaria; já ia disparar quando o corvo gritou:

— Não atire, vou recompensá-lo!

Ele abaixou a arma, seguiu adiante e chegou a um lago, onde surpreendeu um grande peixe que subira das profundezas à superfície. Quando apontou a arma, o peixe gritou:

— Não atire, vou recompensá-lo!

Deixou-o mergulhar, foi adiante e encontrou uma raposa que mancava. Atirou e errou; então a raposa gritou:

— Melhor vir aqui tirar o espinho do meu pé!

Ele o fez, mas depois quis matar a raposa e tirar-lhe a pele. A raposa disse:

— Deixe disso, vou recompensá-lo!

O jovem a deixou ir e, como era noite, voltou para casa.

No outro dia devia se esconder, mas, por mais que quebrasse a cabeça, não sabia onde. Foi à floresta procurar o corvo e disse:

— Poupei sua vida; agora diga onde devo me esconder para que a princesa não me veja.

O corvo abaixou a cabeça e pensou por muito tempo. Por fim grasnou:

— Já sei!

Tirou um ovo do ninho, dividiu-o em duas partes e fechou o jovem dentro dele; depois tornou a deixá-lo inteiro e sentou-se em cima. Quando a princesa foi à primeira janela, não conseguiu descobri-lo, nem nas seguintes, e começou a ficar aflita; mas na décima primeira o viu. Mandou matar o corvo a tiro, trazer o ovo e quebrá-lo, e o jovem teve de sair. Ela disse:

— Uma vez está perdoado; se não fizer melhor, está perdido.

No dia seguinte, ele foi ao lago, chamou o peixe e disse:

— Poupei sua vida; agora diga onde devo me esconder para que a princesa não me veja.

O peixe pensou e, por fim, exclamou:

— Já sei! Vou fechá-lo dentro da minha barriga.

Engoliu-o e desceu ao fundo do lago. A princesa olhou pelas janelas; nem da décima primeira o viu e ficou perplexa, mas por fim o descobriu na décima segunda. Mandou pegar o peixe e matá-lo, e o jovem apareceu. Qualquer um pode imaginar como ele se sentia. Ela disse:

— Duas vezes está perdoado, mas sua cabeça provavelmente irá para a centésima estaca.

No último dia, foi ao campo com o coração pesado e encontrou a raposa.

— Você sabe encontrar todos os esconderijos — disse ele. — Poupei sua vida; agora me aconselhe onde devo me esconder para que a princesa não me encontre.

— É uma tarefa difícil — respondeu a raposa, com ar preocupado.

Por fim exclamou:

— Já sei!

Foi com ele até uma fonte, mergulhou nela e saiu como um vendedor de feira e de animais. O jovem também teve de mergulhar na água e foi transformado numa pequena lebre-do-mar. O comerciante foi à cidade e exibiu o gracioso bichinho. Muita gente se reuniu para vê-lo. Por fim também chegou a princesa e, como gostou muito dele, comprou-o e deu ao comerciante muito dinheiro. Antes de entregá-lo a ela, ele lhe disse:

— Quando a princesa for à janela, entre depressa debaixo da trança dela.

Chegou a hora em que ela devia procurá-lo. Foi às janelas em ordem, da primeira à décima primeira, e não o viu. Quando também não o viu da décima segunda, encheu-se de medo e raiva e a fechou com tanta força que o vidro de todas as janelas se estilhaçou em mil pedaços e o castelo inteiro tremeu.

Ela voltou e sentiu a lebre-do-mar debaixo da trança; agarrou-a, atirou-a no chão e gritou:

— Suma da minha vista!

O bichinho correu até o comerciante, e os dois se apressaram à fonte, onde mergulharam e recuperaram sua verdadeira forma. O jovem agradeceu à raposa e disse:

— O corvo e o peixe são tremendos bobos perto de você! Você conhece os truques certos, é a pura verdade!

O jovem foi direto ao castelo. A princesa já o esperava e se conformou com seu destino. O casamento foi celebrado, e agora ele era o rei e senhor de todo o reino. Nunca lhe contou onde se escondera na terceira vez nem quem o ajudara; assim, ela acreditava que ele fizera tudo por sua própria arte e o respeitava, pois pensava consigo: “Afinal, ele sabe mais do que você!”

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Revisão: Codex · revisão independente por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-lebre-do-mar